

OS MEXICANOS NÃO ESTÃO SATISFEITOS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 11.10.1983

Em agosto de 1982 a economia mexicana declarou-se insolvente e transformou-se no pesadelo do sistema financeiro internacional. Um ano depois, havendo assinado uma carta de intenções ao FMI e estando cumprindo os objetivos propostos, tornou-se a estrela do FMI, o exemplo que o presidente dessa instituição, Jacques de La Rosière, apresenta ao mundo.

De fato, o México vem cumprindo ou sobre-cumprindo as metas que lhe foram atribuídas no plano de estabilização do FMI. As importações, no primeiro semestre de 1983, caíram em 60% devido à forte recessão imposta à economia e à desvalorização real do peso de cerca de 40%. Por outro lado as exportações aumentaram graças exclusivamente a um pequeno aumento no preço do petróleo. Em consequência prevê-se para 1983 um saldo comercial de 12 bilhões de dólares e um saldo em conta-corrente de 2,5 bilhões de dólares. O México, portanto, já tem condições de começar a pagar uma pequena parte de sua dívida.

No plano do déficit público nominal, a meta de reduzi-lo de 16,5 para 8% do PIB em 1983 também está sendo atingida graças a uma violenta contração dos investimentos (30%) e dos gastos de consumo (10%) públicos, e graças aos lucros obtidos inesperadamente pela Pemex.

Em termos de inflação, o objetivo de baixá-la de 100% em 1982 para 55% em 1983 não está sendo alcançado, mas alguma redução está sendo obtida. A atual previsão para a inflação mexicana em 1983 é 78%. Boa parte dessa redução se deve a uma diminuição de salários reais de cerca de 25% em 1983.

Em consequência dos resultados comerciais o México deverá aumentar suas reservas internacionais em 3 bilhões de dólares ao invés dos 2 bilhões previstos pelo Fundo. Em 1983 o limite de novas dívidas de 5 bilhões de dólares será facilmente cumprido; em 1984 já se fala que o México poderá não utilizar seu limite de endividamento adicional de 4 bilhões de dólares.

Não se conclua daí, entretanto, que os mexicanos estejam felizes com esses “êxitos”. Quem está na melhor dos mundos possíveis são os bancos internacionais e o FMI, que vêem a possibilidade concreta de reduzir suas aplicações no México. Conversei com um número considerável de economistas mexicanos em recente visita ao país e li declarações de empresários e líderes sindicais. Estão todos profundamente preocupados.

A razão para essa preocupação é muito simples. Os custos econômicos e sociais do programa de ajustamento estão muito maiores do que o previsto. De acordo com a carta de intenções do FMI, o produto interno bruto deveria ter crescimento zero em 1983. Na verdade deverá decrescer entre 5 e 7%. O desemprego aberto, que estava em torno de 6% nos anos 70, aumentou para 14%. Os salários reais foram reduzidos com a justificativa de que assim se evitaria o desemprego. Na verdade os dois prejuízos somaram-se.

Sem dúvida 1983 deverá ser o pior ano do ajustamento mexicano. Em seguida a economia tenderá a recuperar-se. O grave, entretanto, é que o ritmo dessa recuperação deverá ser extremamente lento dado as restrições derivadas da grande dívida externa. De acordo com um modelo de simulação macroeconômica realizado pelo economista mexicano Jaime Ross (a ser publicado na Revista de Economia Política), a taxa média de crescimento do PIB na segunda metade dos anos 80 deveria ser de apenas 3,5%, contra um crescimento da população de 2,9%, e a taxa de desemprego deverá ser superior a 10%.

Diante desses fatos, que estão destruindo a indústria do país e criando uma situação social insustentável, é compreensível que os mexicanos não estejam felizes. Seus êxitos financeiros no cumprimento das metas do FMI resultam e implicam em graves e talvez irreparáveis prejuízos econômicos.(11/10)